Duende Tagarela[1]

Autor - Alexander Grin
Tradução de Luiz Danilo Coelho Martins[2]
Revisão de Tanira Castro

Contou-me esta história um duende numa velha casa abandonada:

"Nesta casa moravam marido e mulher. O marido chamava-se Filipe, e a esposa, Anna. Ela possuía vinte anos; ele - vinte e cinco. Ela se parecia muito com uma florzinha selvagem. Eu gostava também do marido, mas ela me agradava mais, porque ela não era apenas a anfitriã. Para nós, duendes, há um encanto naquilo que aproxima as pessoas a nós. Ela se esforçava para pescar com as mãos no arroio, golpeava uma grande pedra na encruzilhada e escutava, quanto tempo esta ressoava. Nisto há uma magia, um importante sinal de conhecimento de uma bela alma, mas somente nós, duendes, sabemos decifrar os seus sinais; as pessoas são incapazes.

— Anna! — gritou contente o marido, quando veio almoçar. Eles encontraram-se, de tal forma, como se fosse a primeira vez que se encontravam - ela correu para ele, e ele tomou-a nos braços.

Às noites ele tirava da mesa as cartas do seu amigo Ralf, com o qual passou parte de sua vida, até se casar, e lia em voz alta. E Anna escutava as palavras, há muito conhecidas, sobre o mar, sobre vulcões e pérolas, sobre tempestades e combates.

"Ele virá logo — falou Filipe, — ele estará conosco, quando o seu barco de três mastros "SINBAD" entrar em Gries. De lá somente uma hora de viagem pela estrada de ferro e uma hora da estação até nós."

Mas certa vez Anna interessou-se por alguma coisa da vida de Ralf; então, com entusiasmo, Filipe contou sobre sua coragem, generosidade e sobre o seu destino, semelhante a um conto.

Eu nunca ouvi eles discutirem. Eu nunca vi, ainda que fosse uma só vez, eles olharem friamente um para outro... "Eu quero dormir", dizia à noite Anna, e ele levava-a para a cama, acomodava-a e a envolvia, como a um bebê. Dormindo, ela falava: "Filipe, quem murmura nos cimos das árvores? Quem anda pelo telhado? De quem é o rosto no arroio ao lado comigo?" Ele respondia: "A gralha caminha pelo telhado, o vento faz barulho nas árvores, as pedras brilham no riacho. Dorme."

Depois ele sentava-se à mesa, para terminar o próximo relatório; depois lavava-se, partia lenha e deitava-se para dormir. Ele adormecia em seguida e

[1] Tradução adaptada do original russo *O Duende Tagarela*, conto de Alexandre Grin (1880-1932). Texto extraído do livro - *A Pedra Quente*, 2ª ed., Moscou, Ed. Progresso, 1987, págs. 36-38. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação do Curso de Extensão de Língua Russa, em dezembro de 1999.

[2] Farmacêutico, aluno do Curso de Extensão em Língua Russa - UFRGS.

imediatamente esquecia tudo que via no sonho. Ele nunca golpeou nenhuma pedra que estivesse na encruzilhada e que cantasse.

Certa vez, em um dia ensolarado, Filipe estava no trabalho e Anna voltava da estação, onde ela ia sempre fazer compras. Ela parou junto à sua pedra e, como sempre, a golpeou com a sua chave para que cantasse. Assim ela se divertia, e pensava que ninguém a via. Mas alguém saiu de trás da curva do caminho, aproximou-se dela e parou. Anna ainda ria, quando olhou para ele. Mas ela não tremeu e nem recuou - foi como se ele sempre estivesse ali.

Ele era moreno, muito moreno, e o mar deixou no seu rosto as marcas das ondas. Mas o rosto dele era formoso, pois refletia uma alma apaixonada e carinhosa. Os seus olhos escuros olhavam para Anna e tornavam-se ainda mais escuros e brilhantes, enquanto os olhos claros da mulher brilhavam humildemente.

A pedra há muito tempo já havia emudecido, e eles ainda olhavam um para o outro, sorrindo sem palavras. Então ele estendeu a mão, ela lentamente estendeu a sua, e as suas mãos uniram-se. Ele cuidadosamente pegou a cabeça dela e beijou-a nos lábios. Os olhos dela fecharam-se.

Depois eles separaram-se, e a pedra, como antes, os separou.

Vendo o marido, que se aproximava deles, Anna apressou-se em sua direção.

— Eis o Ralf — ele chegou! — disse ela.

De alegria Filipe nem pôde sequer gritar imediatamente, mas finalmente lançou o chapéu para cima, abraçou o forasteiro e gritou:

— Tu já viste Anna, Ralf? Esta é ela! Tu viverás conosco e nós te contaremos tudo.

Anna colocou a mão no ombro do marido e olhou para ele com seu olhar mais terno e puro; depois, sem alterar a expressão, olhou para o visitante, como se ambos fossem igualmente íntimos dela.

— Filipe, — disse Ralf, — eu confundi teu endereço e pensei que ia por outro caminho. Por isso não peguei comigo a bagagem. Mas eu agora mesmo vou buscá-la na estação. Eu já volto.

Eles puseram-se de acordo e separaram-se. Esperaram-no, mas Ralf não voltou.

E isso eu não compreendi. Talvez, tu pudesse me explicar o que aconteceu."

— Sim, — disse eu, cortesmente, ao despedir-me apertando a pata peluda do duende. — Somente nós, as pessoas, podemos decifrar os sinais do coração, os duendes não são capazes.